

5

**COMUNICAÇÃO DE MASSA NO CAPITALISMO: O
CARÁTER IDEOLÓGICO DA ALIENAÇÃO E A
CATEGORIA DA MANIPULAÇÃO EM LUKÁCS.****COMUNICACIÓN DE MASSA EN EL CAPITALISMO: EL
CARÁCTER IDEOLÓGICO DE LA ALIENACIÓN E LA
CATEGORIA DE LA MANIPULACIÓN EM LUCÁCS.****Evelyne Naves Maia *****Marcela Carnaúba Pimentel ******Walter Nobrega Filho *******Fabiano Lucio de Almeida Silva ********Flávio Santos da Silva*****⁷¹**

RESUMO: O presente artigo tem como objeto de análise os meios de comunicação de massa na perspectiva de interpretá-los enquanto ferramenta que veicula a categoria da alienação (*Entfremdung*). Enfatiza o seu caráter manipulatório e ideológico sob a visão do filósofo húngaro György Lukács, em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social* (2013). Por se tratar da análise de um fenômeno que contribui decisivamente no processo de desenvolvimento das relações sociais no capitalismo contemporâneo, torna-se um desafio à medida que, em sua apreensão, devemos articular categorias tão complexas, como a alienação, a manipulação e a ideologia, à atuação dos meios de comunicação de massa na sociedade desde o seu surgimento até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação de Massa. Alienação. Ideologia. Manipulação.

* Doutoranda em Direito Privatístico (Universidade do Miho - Portugal). Mestra em Direito (UFPE). Pós-graduação Lato Senso em Direito Tributário (FAL). Graduação em Direito (CESMAC). Professora e Coordenador do Curso de Direito da Faculdade Cesmac do Sertão. Lattes iD <http://lattes.cnpq.br/9254846262660987>. E-mail: evelyne.maia@cesmac.edu.br

** Doutoranda em Serviço Social (UFAL). Mestra em Serviço Social (UFAL). Pós-graduação em Docência Superior (FACEAR). Graduação em Comunicação Social (UFAL). Professora e Coordenadora do Núcleo de Projetos de Extensão da Faculdade Cesmac do Agreste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6310571738474594>. E-mail: marcela.pimentel@cesmac.edu.br

*** Mestre em direito Constitucional (Universidade de Coimbra – Portugal). Pós-graduação lato sensu em Processo Civil (UNIPÊ). Graduação em Direito (UNIPÊ). Professor da Faculdade Cesmac do Agreste. Professor da Faculdade Estácio. Professor da Faculdade Raimundo Marinho. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8859237710330088>. E-mail: walter.filho@cesmac.edu.br

**** Doutorando em Direito (UNESA/RJ). Mestre em Saúde Coletiva (IEP-HSL). Graduação em Direito (CESMAC) e Administração (UNEAL). Licenciado em Sociologia (UNOPAR). Professor no Curso de Direito da Faculdade CESMAC do Agreste. Lattes iD <http://lattes.cnpq.br/0352721431140591>. E-mail: fabiano.silva@cesmac.edu.br

***** Doutor em Sociologia (UFG). Mestre em Sociologia (UFAL). Graduação em Ciências Sociais (UFAL). Professor do Centro Universitário Cesmac. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8215614044937435>

RESUMÉN: El presente artículo analiza los médios de comunicación de masas desde la perspectiva de interpretarlos como una herramienta que transmite que veicula la categoría de la alienación (*Entfremdung*). Destaca su carácter manipulador e ideológico desde la perspectiva del filósofo húngaro György Lukács, en su obra *Por una ontología del Ser Social* (2013). Al tratarse del análisis de um fenómeno que contribuye decisivamente al proceso de desarrollo de las relaciones em el capitalismo contemporáneo, se convierte em um desafío ya que, em su aprehensión, debemos articular categorías tan complejas como la alienación, la manipulación y la ideología, al desempeño de los médios de comunicación em la sociedade desde sus inicios hasta la actualidad.

PALABRAS-CLAVE: Comunicación de masa. Alienación. Ideología. Manipulación.

1 INTRODUÇÃO

Para se apreender a importância dos meios de comunicação de massa como instrumento de alienação humana, torna-se necessário expor sobre o que é alienação, em especial seu conteúdo ideológico, e sobre a manipulação, fenômenos que nos permitirão demonstrar as determinações fundamentais que fazem dos meios de comunicação de massa um mecanismo de manipulação e de alienação. Iniciaremos pela base ontológica da alienação, por entender que é a partir da essência que podemos conhecer o fenômeno; em seguida trataremos sobre seu caráter ideológico, enfatizando a categoria da ideologia neste processo, porém sempre articulando ao objeto; e na conclusão do capítulo será tratada a categoria da manipulação e a forma atual de alienação, que segundo Lukács está diretamente conectada com a base material das alienações.

É importante ressaltar que, no capítulo da alienação ele afirma que o período pós Segunda Guerra Mundial é determinante para a categoria da manipulação, sendo marcado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa; que, por conseguinte, servem como um importante veículo para a ideologia dominante e para as formas atuais da alienação. Para o nosso autor, a história do ser social é um processo no qual as formações sociais vão tornando-se cada vez mais complexas e, em consequência, as relações sociais também se complexificam.

Desta forma, categorias como a alienação, a ideologia e a manipulação, tornam-se essenciais para a compreensão da sociedade do capital e suas ações sobre os indivíduos, no sentido de mantê-los acomodados em sua condição. Daí a necessidade de se analisar e entender a determinação de tais categorias para o processo comunicacional resultantes das relações sociais capitalistas.

2 ALIENAÇÃO E SEU CARÁTER IDEOLÓGICO

O fenômeno da alienação é exclusivamente histórico-social e apresenta formas diferenciadas no decorrer da história, ou seja, cada estágio do desenvolvimento socioeconômico possui suas alienações típicas. E no mundo atual, mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial, a sociedade capitalista possui mais uma ferramenta manipulatória que tem a possibilidade de alienar as massas de maneira eficiente e imperceptível ao homem comum, que são os meios de comunicação de massa. Ao analisar a categoria da alienação, deve-se compreender bem “a sua posição dentro da totalidade do complexo social do ser” (LUKÁCS, 2013, p.577), evitando com isso certas deformações comuns presentes nos dias atuais.

Na obra de Marx – e Lukács enfatiza que não apenas no jovem Marx como também no Marx maduro –, podemos encontrar diversas análises sobre a essência concreta, o lugar e o significado da alienação no “processo de desenvolvimento social” (2013, p.579). Compreendendo a totalidade deste desenvolvimento em “sua inteireza histórica”, Marx revela uma contradição dialética entre o desenvolvimento das capacidades do homem e o crescimento de suas personalidades enquanto gênero verdadeiramente humano.

Não se compreende que este desenvolvimento das capacidades da espécie homem, ainda que se realize primeiramente às custas do maior número de indivíduos humanos e de todas as classes humanas, parta, enfim, deste antagonismo e coincida com o desenvolvimento do indivíduo singular, que, portanto, o mais alto desenvolvimento da individualidade seja obtido somente através de um processo histórico no qual os indivíduos são sacrificados⁷² [...] (MARX *apud* LUKÁCS, 2013, p. 580).

Desta forma, a alienação, tomando como base o seu lugar no complexo total do ser social, é um fenômeno exclusivamente social, determinado historicamente por diferentes formações sociais não possuindo nenhum caráter natural, visto que somente o homem pode criar obstáculos ao seu desenvolvimento enquanto indivíduo singular. Sua constituição histórica faz com que assuma características particulares de um determinado período do desenvolvimento da humanidade, não tendo nenhuma relação com uma

⁷²Theorienüber den Mehrwert(Stuttgart, 1921), p.309.

condition humaine geral, e tão pouco possui uma universalidade cósmica. Este fenômeno em sua essência concreta pode ser delineado como um processo no qual

[...] o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento (alienação) vem concretamente à luz do dia –, o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um desenvolvimento da personalidade humana. Pelo contrário: justamente por meio do incremento das capacidades singulares ele pode deformar, rebaixar etc. a personalidade (LUKÁCS, 2013, p. 581).

Nas mais diversas fases do desenvolvimento das forças produtivas e das relações daí decorrentes, as alienações possuem formas e conteúdos diferenciados, mas mantêm um antagonismo dialético entre desenvolvimento das capacidades humanas e desenvolvimento da personalidade como fundamento destes vários modos de se apresentar. Basta analisar como o desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que proporciona um amplo crescimento aos indivíduos, produz desumanidades em graus elevados, quando se compara a outros estádios históricos em que a base econômica não está tão desenvolvida. Logo, a história da humanidade, levando em consideração a divisão do trabalho, é também a história da alienação⁷³ do homem.

Desta forma, quanto mais as sociedades tornam-se desenvolvidas, tal contradição fica mais evidente. Podemos perceber de forma nítida o problema da alienação na sociabilidade capitalista⁷⁴, sociedade esta que possui um nível de desenvolvimento das forças produtivas jamais visto na história dos homens e, no entanto, é uma sociedade essencialmente e cada vez mais alienada. Neste processo contraditório e

⁷³ As primeiras alienações de que a humanidade tem conhecimento, isto é, aquelas próprias do homem primitivo, brotam espontaneamente das proximidades das barreiras naturais e, como tal, do baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas; com a sociedade de classes as alienações surgem de modo cada vez mais mediado, em especial no capitalismo, momento em que se desenvolvem, segundo Lukács, relações sociais puras. As primeiras alienações são geradas espontaneamente e espontaneamente superadas pelo próprio desenvolvimento de novas forças produtivas; mas aquelas que surgem no interior de relações sociais capitalistas somente serão superadas mediante ruptura com tais relações sociais comandadas pelo capital. Enfim, uma coisa são as alienações produzidas pelo homem primitivo, outra bem diversa são aquelas produzidas pelo trabalho abstrato. (HOLANDA, 2002, p.04)

⁷⁴ Por ser um fenômeno histórico-social “as alienações das sociedades primitivas, (...) não continham o mesmo caráter negativo daquelas originárias das sociedades de classe, em especial da sociedade capitalista, onde a forma mercantil exerce uma influência decisiva sobre todas as manifestações da vida, pois se trata de uma forma específica de sociabilidade fundada na produção generalizada de mercadorias, na qual os homens perdem o domínio sobre suas atividades. O mercado passa a ser o elo entre as atividades humanas, provocando uma inversão em que as relações sociais entre os homens aparecem mediadas por coisas. Com isso, esconde a verdadeira essência do modo capitalista de produção como um modo de exploração do trabalho, um modo de produção e reprodução da desumanidade”. (HOLANDA, p. 04)

desigual⁷⁵, o trabalho e a divisão social do trabalho desempenham um papel fundamental para a base e o desenvolvimento da alienação⁷⁶, pois o homem, ao mesmo tempo em que se desenvolve socialmente, tendo como gênese desse desenvolvimento o trabalho, não se reconhece enquanto homem e tampouco é reconhecido como tal, haja vista que o momento predominante é do trabalho alienado.

Para uma melhor compreensão de como se processa o trabalho, Lukács o analisa separando – apenas terminologicamente – a objetivação e a exteriorização (*Entäusserung*), mas argumenta enfaticamente que na realidade esses momentos são inseparáveis: a cada objetivação corresponde simultaneamente uma exteriorização. A objetivação é claramente prescrita pela divisão do trabalho que lhe corresponde, nela, o objeto natural adquire uma utilidade social; quanto à exteriorização, embora o desenvolvimento das capacidades humanas exerça uma ação objetiva sobre as personalidades dos homens, conforme assegura Lukács, o retorno da exteriorização sobre aqueles que realizam o trabalho, é diversificado. Portanto, não atende necessariamente às prescrições da divisão do trabalho, como no caso da objetivação do objeto. Daí porque estes dois momentos sofrem “divergências bastante relevantes”:

[...] a objetivação é prescrita de modo imperativamente claro pela perspectiva da divisão do trabalho e esta, por conseguinte, desenvolve necessariamente as capacidades necessárias nos homens [...] a retroação da alienação sobre os sujeitos do trabalho é fundamentalmente divergente. A influência favorável ou desfavorável do desenvolvimento das capacidades humanas sobre o desenvolvimento das personalidades humanas constitui uma tendência social universal objetivamente existente e que se efetiva objetivamente. Essa tendência, todavia, parece produzir igualmente uma média social, que, contudo, distingue-se qualitativamente daquela que surge em decorrência de objetivações. Esta é uma média real em que só pode tratar-se – com referência a tarefas concretas de trabalho – de um mais ou menos na execução das tarefas concretas; contudo, na alienação podem surgir comportamentos praticamente opostos. (2013, p.583-584).

⁷⁵Lukács se apropria de uma citação de Marx ao citar Ferguson, para explicar esta desigualdade de desenvolvimento, que está diretamente ligada ao trabalho. Segundo Ferguson, “Muitas atividades, com efeito, não requerem nenhuma atitude espiritual. Elas são mais bem sucedidas quando estiverem totalmente reprimidos o sentimento ou a razão, e a ignorância é a mãe, da operosidade como da superstição... Em consequência, as manufaturas prosperam ao máximo grau onde menos o espírito esteja envolvido, sem particular esforço de fantasia, possa ser considerada como uma máquina cujas partes singulares sejam constituídas por homens” (2013, p. 582).

⁷⁶ Já no trabalho desenvolvido na manufatura podemos encontrar exemplos de alienação.

Por mais que a objetivação no ato do trabalho seja a mesma numa dada situação em relação a um grupo de operários, a exteriorização (*Entäusserung*) age individualmente sobre as personalidades de cada indivíduo e “as decisões alternativas que se originam daí são direta e primeiramente individuais” (idem, p.584). Lukács compreende a alienação como um fenômeno social centrado no indivíduo, o que não significa dizer que ela esteja dissociada das determinações sociais, haja vista que considera o homem singular como um polo real e ontológico dos processos sociais. Desta feita, assevera que:

Uma personalidade humana só pode surgir, desdobrar e definir num campo de ação histórico-social e concreto e específico. Por isso não basta voltar a atenção unilateralmente só para a contraditoriedade – todavia profundamente embasada – entre desenvolvimento da capacidade e desenvolvimento da personalidade. O desenvolvimento da personalidade também depende de muitas maneiras da formação superior de cada uma das capacidades. De fato, se não olharmos exclusivamente para os atos de trabalho singulares, mas tivermos em vista a divisão social do trabalho, ficará claro que temos de vislumbrar nesta um momento importante da gênese da personalidade (2013, p.588).

Este tornar-se humano é um processo de reprodução social dos indivíduos singulares que só acontece numa intrínseca relação com a reprodução da sociedade correspondente. Todas as necessidades que outrora eram apenas biológicas, tais como “os atos de alimentação e de multiplicação” (2013, p.591), tornam-se atos sociais, obviamente com mudanças acerca da própria socialização e das funções sociais. No entanto, apesar do afastamento da barreira natural, estas ações não deixam também de se constituir características biológicas do ser.

Mas, ao mesmo tempo em que a sociabilidade capitalista possibilita um alto desenvolvimento das capacidades dos homens, gera também a degradação destes homens levando-os às formas alienantes nas “manifestações vitais mais elementares” (2013, p.594). Marx afirma que o homem (o trabalhador) somente se sente livre em suas funções bestiais como comer e beber, e desta forma o bestial torna-se humano e o humano torna-se bestial. Para Lukács,

Este processo é ao mesmo tempo extensivo e intensivo, quantitativo e qualitativo. Por outro lado, surgem necessidades a serem satisfeitas que, em estágios iniciais, nem podiam ter existido; por outro lado, as necessidades indispensáveis à reprodução da vida recebem modos de satisfação que as alçam, em termos de vida, a um nível mais social, mais

elevado, mais afastado dessa reprodução imediata da vida. Isso é visível especialmente na alimentação. É claro que, nas classes dominantes, pode ocorrer uma grande elevação desse tipo, que tem apenas uma ligação muito solta com o tipo universal de satisfação das necessidades na respectiva sociedade; porém, também na tendência histórica do desenvolvimento, inicia-se um movimento ascendente, que, por exemplo, eleva a fome, de efeito meramente fisiológico, à condição de apetite que já assumiu um caráter social. Um retrocesso nessa área pode, portanto, acarretar um retorno simples e brutalmente fisiológico, ou seja, um tipo de estranhamento (alienação) da sensibilidade humana em relação ao seu estágio social já alcançado na realidade. A isso Marx confere uma expressão certa com o termo “animalesco” (2013, p.595).

Nas relações de trabalho, nas relações com outros seres humanos, enfim, na imediatividade da vida cotidiana o alto grau de desenvolvimento do capitalismo contribui para o fortalecimento da generidade apenas em-si forjando uma sociedade alienada. No entanto, o movimento de elevar-se para além da particularidade pode conduzir o homem à superação das chamadas alienações pessoais passando a se reconhecer enquanto gênero humano e não apenas mais um indivíduo preso a sua particularidade. Ou seja, somente a partir do vínculo entre personalidade não-mais-particular (*nicht mehr partikularer Pernönlichkeit*) e generidade para-si, é que será provável a resolução do problema da alienação, tal superação somente será possível numa sociedade para além do capital. Segundo Lukács a alienação é, “antes de tudo, um obstáculo ao nascimento da não-particularidade do homem”. (2013, p.606)

Deve-se compreender que o fenômeno da alienação é um fenômeno importante no processo de opressão do homem, porém não é o único. O filósofo húngaro entende que para uma compreensão correta da essência da alienação e de sua possível superação, a teoria marxiana é referência imprescindível na medida em que remete às raízes materiais que peculiarizam as diferentes expressões desse fenômeno no capitalismo e suas determinações histórico-concretas. Neste sentido nos diz que,

[...] em primeiro lugar, todo estranhamento (alienação) é um fenômeno socioeconomicamente fundado; sem uma mudança decisiva da estrutura econômica, nada de essencial poderá ser modificado nesses fundamentos por meio de uma ação individual. Em segundo lugar, sobre essa base, todo estranhamento é, antes de tudo, um fenômeno ideológico, cujas consequências prendem a vida individual de todo homem envolvido de maneira multifacetada e firme que a sua superação subjetiva só poderá ser realizada na prática como ato individual envolvido em cada caso específico.[...] Com efeito, todo momento

subjetivo do estranhamento só pode ser superado por meio de pores corretos na prática por parte do indivíduo envolvido, mediante os quais ele modifica de fato e na prática o seu modo de reagir aos fatos sociais, ao seu comportamento perante sua própria conduta de vida, perante seus semelhantes. O ato individual, direcionado para si mesmo, constitui, portanto, o pressuposto incontornável de uma superação [*Aufheben*] real (e não apenas verbal) de todo estranhamento no que se refere ao ser social de cada homem singular. [...] Nesse tocante, está claro que todas as formas de estranhamento que se tornam atuantes num determinado período estão fundadas, em última análise, na mesma estrutura econômica da sociedade. Portanto, a sua superação objetiva pode – mas não deve – ser implementada mediante a transição para uma nova formação ou mediante um novo período estruturalmente distinto da mesma formação. (LUKÁCS, 2013, p.632-633).

Para nosso autor, não obstante a decisiva importância das determinações objetivas das alienações, elas são também portadoras de determinações subjetivas que se expressam mediadas pela ideologia, daí adquirir sentido a relação que Lukács estabelece com a questão da personalidade⁷⁷. Sendo assim, Lukács entende que a alienação, por sua essência está centrada no desenvolvimento da personalidade humana, e *é um dos fenômenos sociais mais nitidamente centrados no indivíduo*. Mas, apesar do fato que primeiramente se manifeste no indivíduo e que a *decisão alternativa individual faça parte da sua essência*, o seu ser-precisamente-assim é um fato social, mediado por múltiplas inter-relações (2013, p.585). Logo, quando a alienação atinge um homem na sua individualidade este fenômeno torna-se social, genérico.

Desta forma, por não ser a alienação um fenômeno independente, não obstante sua autonomia relativa, a exemplo dos demais complexos da sociabilidade, em qualquer momento que ela se manifeste estará sempre relacionada com a estrutura econômico-social determinada, pois não pode ser jamais dissociada das forças produtivas e do estado das relações de produção. Esta categoria social, além do vínculo com a base material da sociedade apresenta um caráter ideológico, que para o nosso objeto de estudo é essencial compreendê-lo, pois os meios de comunicação de massa atuam no campo da ideologia, manipulando e alienando a sociedade.

⁷⁷ Nenhuma personalidade vive fora da sociedade, está sempre vinculada a ela, quanto mais o fenômeno da alienação atinge um homem na sua individualidade, mais genérico ele se torna. Para Lukács, Para Lukács, “com efeito a totalidade da sociedade e a personalidade humana são inseparavelmente ligadas uma à outra, formando os dois polos de um e do mesmo complexo dinâmico, mas se diferenciam qualitativamente em suas condições de desenvolvimento no plano imediato do ser (2013, p.603). A pesquisadora Gilmaísa Costa faz uma inédita discussão sobre a teoria da personalidade em Lukács em seu livro *Indivíduo e Sociedade: Sobre a teoria de personalidade em Georg Lukács*.

Nesse sentido, o fenômeno da alienação, apesar de ter um fundamento socioeconômico, é também um fenômeno ideológico centrado no indivíduo, a luta para livrar-se dele comporta, portanto, uma dimensão ideológica. Dimensão esta que se fundamenta na “ontologia da vida cotidiana”, enquanto “*médium* que faz a mediação entre a estrutura econômica geral da sociedade e o homem singular”. (2013, p.637) A interação do indivíduo com as mais diversas determinações da vida cotidiana levam ao desenvolvimento de sua própria alienação. Para o filósofo húngaro,

[...]se a intenção for investigar um fenômeno ideológico em sua essência, em sua atualidade, em suas mudanças de orientação etc., não há como passar ao largo dos problemas da ontologia da vida cotidiana. Assim como a estrutura e o desenvolvimento econômicos da sociedade fornece a base objetiva dos fenômenos, assim a ontologia da vida cotidiana fornece aquele *médium* versátil da imediaticidade, que no caso da maioria dos homens é a forma que os coloca concretamente em comunicação com as tendências espirituais do seu tempo. Pessoas que são atingidas direta e continuamente pelas exteriorizações ideológicas propriamente ditas, aquelas mais claras e mais elevadas do seu tempo, e, em sua práxis, sempre reagem diretamente a elas figuram entre as exceções. Porém, mesmo no caso delas, os impactos da ontologia do cotidiano continuam atuantes (2013, p.637-638).

Lukács põe aqui em evidência a importância da vida cotidiana para compreensão da ideologia, já que se trata de uma categoria que nasce do cotidiano e se dirige ao cotidiano. Considerando que toda alienação é portadora de um caráter ideológico, é decisivo expor sobre a concepção de ideologia aqui defendida. Antes de tudo, o fenômeno ideológico não se encontra isolado das bases objetivas postas pela realidade, a vida cotidiana torna-se um *medium* entre a realidade concreta e os meios espirituais de cada tempo no qual os indivíduos entram em contato.

Diante de tal complexidade, Lukács faz uma distinção entre as ideologias puras que são capazes de elevar a consciência dos indivíduos e as demais formas ideológicas, que atuam diretamente na vida cotidiana como, por exemplo, o direito e a política. Para nosso autor a questão fundamental do aparecimento destas ideologias “pressupõe estruturas sociais, nas quais distintos grupos diversos e interesses antagônicos atuam e almejam impor esses interesses à sociedade como um todo como seu interesse geral” (2013, p 472), tornando-se, desta forma, uma característica da sociedade de classes. Quando Lukács qualifica as ideologias puras como verdadeiras e que elevam o espírito, nos explica que elas

[...] são apropriadas para dirimir os complexos essenciais do desenvolvimento, que têm a capacidade de generalizar as contradições nos dois polos e nas interações entre eles de tal maneira que a humanidade é posta em condições de transformar o em-si do seu ter-chegado-a-si-mesmo objetivo, que nesse aspecto representa apenas um campo de ação de possibilidade, na realidade do seu próprio ser-para-si (2013, p.538).

As demais formas ideológicas tendem a conduzir o indivíduo ao conformismo da generidade em-si⁷⁸, que “se desenvolve a partir do desenvolvimento do trabalho, da divisão do trabalho etc. até a estrutura de uma formação e também remodela ininterruptamente a vida imediatamente sensível dos homens” (2013, p.597). Desta maneira, as formas ideológicas aliadas à própria condição de trabalho e de existência desse indivíduo não permitem que ele consiga superar esse conformismo.

Em sua ontologia, Lukács determina o lugar ontológico das categorias sociais, haja vista que os atos humanos têm em comum serem atos teleológicos. Ao estabelecer este lugar, Lukács diferencia os atos do trabalho – posição teleológica primária – das demais posições teleológicas – posições teleológicas secundárias. No entanto, dentro deste complexo cada categoria possui sua devida importância no processo de reprodução social. Por ser um fenômeno de posição teleológica secundária, a ideologia tem como objeto o homem e sua relação com outros homens, emoções, ideias, escolhas, vontades.

O homem por ser um ser que responde, interage com o ambiente e domina a natureza, tem a necessidade de compreender o mundo em que vive. Dessa busca por respostas, emergem conflitos oriundos da imediatividade da vida cotidiana que são dirimidos através da religião, dos valores, das tradições, dos costumes, do conhecimento, das ciências, das normas sociais. E esses conflitos gerados entre os indivíduos e a sociedade necessitam de uma resposta imediata “sob pena de ruína” relacionada à ordem social posta. Lukács nos *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social* afirma que,

A execução constante e correta do trabalho produz conflitos continuados, até diários, hora a hora, e o modo de sua decisão muitas vezes pode conter, direta ou indiretamente, questões vitais para a respectiva sociedade. Por isso a Ideologia – em última análise – tem de ordenar essas decisões isoladas em contexto de vida geral dos seres humanos e esforçar-se por esclarecer ao indivíduo como é indispensável

⁷⁸ “[...] no nível da generidade em-si, é impossível que a personalidade atue senão no modo de uma realidade que se torna efetiva na prática, visando cumprir suas funções no processo da reprodução social [...]” (LUKÁCS, 2013, p.603).

para sua existência avaliar as decisões segundo os interesses coletivos da sociedade (2010, p.47).

É importante ressaltar que as resoluções dos conflitos sempre são mediadas pela consciência dos indivíduos⁷⁹. E, por atuar diretamente na subjetividade, as posições teleológicas secundárias são notadamente importantes para a manutenção e reprodução econômico-social. Por se tratar de uma posição teleológica secundária, a ideologia torna-se protagonista na manutenção e reprodução do capitalismo, visto que, quanto mais a sociedade se desenvolve, mais complexas se tornam as relações e as respostas aos conflitos.

A ideologia se apresenta, antes de qualquer coisa, a partir das necessidades da imediatividade da vida cotidiana determinadas socialmente. Sendo assim, ela é uma das formas que torna possível a práxis social através da criação de uma realidade ideal. (LUKÁCS, 2013, p. 465). Sempre que um conflito surge na sociedade e traz consigo um desequilíbrio que afeta a vida social dos homens, são criados aparatos para solucioná-los, são criadas, portanto, formas ideológicas. As ideologias não irão apenas atuar diante dos problemas socioeconômicos postos socialmente, irão agir sobre os indivíduos singulares *mediando interesses conflitantes*. Sobre tal aspecto Lukács afirma que:

[...] os portadores ideológicos imediatos de toda atividade social e, portanto, também dos conflitos, são os homens singulares. Por isso mesmo, no plano imediato, todos os conflitos também se manifestam como embates de interesses entre homens singulares ou então entre esses grupos humanos ou entre dois grupos desse tipo. (2013, p.471).

Algumas ideias desempenham um papel fundamental nas escolhas a serem objetivadas durante o percurso da história da humanidade que acabam por auxiliar, por meio de perspectivas mais diversas, na tomada de decisão do homem – enquanto um ser que responde – acerca das alternativas postas pela vida cotidiana. A ideologia compõe estas ideias⁸⁰ e não é reconhecida meramente como falsa consciência, conforme postulam

⁷⁹ Para Costa (2006) “[...] são atos deste tipo que se caracterizam como posição teleológica secundária; nele, o sujeito não tem como fim imediato a objetividade material, mas a própria subjetividade humana, tendo em vista conduzir outros homens a agirem conforme uma posição desejada”.

⁸⁰ É importante ressaltar que um pensamento individual pode chegar a se tornar ideologia, mas para que isto ocorra é necessário que interfira nos conflitos humano-sociais e não simplesmente permaneça produto ou expressão ideal de um indivíduo, conforme diz Lukács.

alguns autores⁸¹. É acima de tudo um instrumento de luta, podendo, diante de algumas circunstâncias, adquirir esse significado pejorativo. Lukács afirma que a ideologia

[...] é sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir. Desse modo, surgem a necessidade e a universalidade de concepções para dar conta dos conflitos do ser social; nesse sentido, toda ideologia possui o seu ser-propriadamente-assim social: ela tem sua origem imediata e necessariamente no *hic et nunc* social dos homens que agem socialmente em sociedade. Essa determinidade de todos os modos de exteriorização [*Äußerungsweisen*] humanos pelo *hic et nunc* do ser-propriadamente-assim histórico-social de seu surgimento tem como consequência necessária que toda reação humana ao seu meio ambiente socioeconômico, sob certas circunstâncias, pode se tornar ideologia. Essa possibilidade universal de virar ideologia está ontologicamente baseada no fato de que o seu conteúdo (e, em muitos casos, também a sua forma) conserva dentro de si as marcas indelévels de sua gênese. Se essas marcas eventualmente desvanecem a ponto de se tornarem imperceptíveis ou se continuam nitidamente visíveis é algo que depende de suas – possíveis – funções no processo dos conflitos sociais. (2013, p. 465)

Diante de sua gênese – e daí recai a discussão de que nem toda hipótese, teoria ou opinião individual é necessariamente uma ideologia, já que apenas quando se tornam veículo para dirimir os conflitos sociais é que se pode chamá-las propriamente de ideologia – e de sua função social – que se dirige à práxis social independente da tomada de decisão dos indivíduos singulares –, a ideologia pode atuar na manutenção do *status quo*, assim como na transformação social. Dentro de uma sociedade de classes, as ideias da classe dominante se sobrepõem as da classe subalterna. Aqui, contudo, podemos ressaltar que as ideologias não se constituem em poder absoluto, ainda que sejam predominantes em dadas circunstâncias histórico-sociais.

Podemos ainda derivar que a ação sobre os sujeitos aos quais se dirige todo ato ideológico, no qual se faz presente uma consciência que age sobre outras consciências, tal ato é do tipo denominado por Lukács de pôr teleológico secundário, que comporta nesta ação também uma ação do sujeito que recebe a informação e que pode reagir tanto no sentido de aceitar pacificamente a ideologia dominante quanto reagir em relação a ela. Aí reside o caráter contraditório das ideologias se elas constituem, como afirma Lukács a partir de Marx, instrumentos de luta social que exercem uma função na sociedade para

⁸¹ Para a filósofa Marilena Chauí, por exemplo, ideologia significa falsa consciência.

conter conflitos sociais, nem sempre a finalidade desejada pela ação ideológica de uma classe se realiza satisfatoriamente.

Não se pode desconhecer que no pôr teleológico secundário o objeto da ação é o próprio homem, suas ideias, suas relações, seus sentimentos, sua vontade, suas aptidões, como afirma Lukács no capítulo da ideologia. Significa que na ação sobre os próprios homens o objeto e o ponto a que se destinam não são claramente precisos de modo a ser alcançado um controle direto sobre eles. Deste modo, o resultado nessas ações é muito mais imprevisível, porque a qualidade das respostas à ação é mais oscilante, a consciência exerce um peso na resposta que não deve ser minimizado. O sujeito ao qual se dirige a ação constitui a sua consciência na vida cotidiana a partir da própria realidade social e pode resistir aos mecanismos de dominação de múltiplas maneiras, especialmente em relação aos interesses de classe, bem como à variedade de aspirações das múltiplas individualidades. De modo que aquilo que em teorias da comunicação é denominado de receptor não se trata de mero sujeito passivo na relação com as ideologias dominantes.

Certamente o poder exercido pelas ideologias de uma época é evidente. Marx em *A Ideologia Alemã* faz uma rica descrição da ideologia dominante em nossa sociabilidade:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a que faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época. (2009, p. 67)

A classe dominante, que é potência material e espiritual, se utiliza de formas ideológicas como a religião, a política, o direito, os meios de comunicação para que as suas ideias permaneçam dominantes e continuem ditando a condução da práxis social.

Não por acaso, Lukács, ao delinear os aspectos ideológicos da alienação, enfatiza a religião como uma dessas formas de alienação, mas também se refere à publicidade como uma ferramenta ideológica de grande importância para a manutenção social e econômica.

Os meios de comunicação e seus aparatos ideológicos dominantes intervêm na vida cotidiana por meio, principalmente, das relações de consumo, e a partir delas atuam na consciência social no sentido da manutenção da tradição, dos costumes, da moral, dos valores, da cultura e da ideologia burguesa, operando sobre a classe dominada de maneira a mantê-la conformada diante da sua situação de explorada. A intervenção dos meios de comunicação de massa na vida cotidiana se revela em cada informação que é transmitida para a sociedade, e estas informações têm um conteúdo ideológico que pode, facilmente, manipular as massas. Devemos lembrar que o poder midiático está restrito aos domínios da burguesia e que

A comunicação tem importância fundamental na organização de uma sociedade. A rápida e longínqua circulação de informação e ideias tem se caracterizado como um fenômeno que interfere decisivamente na vida social, política, cultural e econômica [...] Assim, a concentração da produção da comunicação de massas nas mãos de poucos adquire centralidade na definição da conjuntura, na geração de novas necessidades de consumo e de manutenção de políticas econômicas e na tentativa de produção de consensos sobre temas importantes para a sociedade (RUIZ, 2009, p.82).

Essa manipulação pode estar centrada no consumo, assim como, no modelo de vida “ideal” baseado na “moral” e nos “bons costumes” burgueses. Desta forma, a mídia decide de maneira imperativa o que devemos vestir, o que devemos comer, o que devemos ouvir e assistir, o que devemos ler; ela, juntamente com a indústria, cria as necessidades de consumo e reafirma o poder da classe burguesa. Os homens neste mundo alienado – e as alienações com forte conteúdo ideológico têm papel determinante neste processo, pois a agem na subjetividade do indivíduo –, possuem a mesma auto-alienação humana, a diferença está centrada na condição da cada classe.

A classe dominante, desta forma, “sente-se à vontade e afirmada nessa auto-alienação, sabe que a alienação é a sua própria potência e possui nela a aparência de uma existência humana; a segunda classe se sente na sua alienação, aniquilada, vê nela a sua impotência e a realidade de uma existência desumana” (MARX, 2003, p.47-48). Assim, como a alienação é parte da totalidade social, ao mesmo tempo em que atinge uma classe social atinge também a outra. Embora essa alienação ocorra de maneira bastante distinta

nas diferentes classes sociais, possui um estatuto de universalidade na medida em que permeia todas as relações humanas sob o capitalismo.

Com o desenvolvimento das relações de produção, o processo de alienação dos indivíduos tornou-se mais intenso, e os meios que a sociabilidade capitalista utiliza para mantê-los alienados se modernizam, a ponto de alcançar as massas. Os meios de comunicação de massa, a partir do período manipulatório, são utilizados como veículo das formas ideológicas e manipulatórias para o controle e o conformismo social, ou seja, para a manutenção da generidade em-si.

Para o filósofo húngaro, o período manipulatório tem como principal marco o pós- Segunda Guerra Mundial, possibilitado pelo grande desenvolvimento tecnológico das comunicações – rádio, televisão, jornais, cinema. Neste sentido, temos os jornais impressos que expõem “notícias” e manipulam a “opinião pública”, temos a publicidade que é veiculada em todos os meios e que aliena e conduz o indivíduo ao consumo de prestígio, temos o cinema que teve forte influência ideológica na Segunda Guerra Mundial, tanto para o recrutamento de soldados quanto para justificar a própria guerra, e a televisão que possui o maior poder de massificação dentre todos os meios. Ruiz exemplifica este poder manipulatório ideológico das mídias da seguinte forma:

Começamos por um fato histórico de grande impacto para a história da humanidade: o nazismo. Na Alemanha de Hitler havia um ministério preocupado com a propaganda. Joseph Goebbles (que posteriormente seria “nomeado, no testamento de Hitler, primeiro-ministro do Reich”) assumiu o posto de ministro da Informação Pública e da Propaganda, além de se tornar presidente da recém-criada Câmara de Cultura. Estavam sob o seu guarda-chuva a imprensa, o teatro, o cinema, a literatura e a música. A principal tarefa desta propaganda era apresentar ao povo alemão uma imagem mais que palatável dos nazistas, engajando-o em tarefas como o extermínio de judeus ou a denúncia de ciganos, deficientes, homossexuais e outros inferiores. (2009, p.84).

Os meios de comunicação de massa cumprem uma função social que, a nosso ver, está bem clara e definida, a de manutenção do *status quo* por meio da manipulação ideológica alienando a sociedade, mas também incidindo sobre os indivíduos particulares. Todo conteúdo ideológico ao mesmo tempo em que atinge as massas, também atua na subjetividade dos indivíduos, manipulando e influenciando no comportamento, nas tomadas de decisões, nas necessidades, nas escolhas (que geralmente são limitadas e impostas socialmente), nas ideias; e esse conteúdo manipulado é veiculado todos os dias

através da televisão, dos jornais e do rádio. Consumimos uma das principais fontes de perpetuação da nossa própria alienação.

De fato, diante do exposto, torna-se necessário apreender os aspectos básicos dos fundamentos da alienação, assim como, compreender a importância que seu caráter ideológico tem para o objeto pesquisado. Por ser um momento extremamente conformista e repressor, as relações forjadas e estabelecidas por este período manipulatório deverão ser tratadas de maneira mais aprofundada, visto que para o presente objeto de estudo a categoria da manipulação é imprescindível para a compreensão dos meios de comunicação de massa enquanto veículo da alienação na sociabilidade capitalista.

3 A CATEGORIA DA MANIPULAÇÃO E AS FORMAS ATUAIS DA ALIENAÇÃO

A alienação tem a sua existência baseada na economia, no entanto, não pode se desenvolver plenamente e muito menos ser superada sem as mediações ideológicas. “Porém, esta ineliminabilidade da mediação ideológica não significa que o estranhamento pudesse ser examinado, sob qualquer aspecto, como um fenômeno puramente ideológico” (LUKÁCS, 2013, p.749) Conforme vimos linhas atrás, a ideologia é um instrumento do qual os homens fazem uso para combater as contradições e conflitos que emergem do desenvolvimento econômico. Desta forma, o homem utiliza a ideologia para resolver os problemas que surgem da base material que determina a sua vida. Lukács assevera diante desses conflitos

[...] uma dupla fisionomia social: ou simplesmente regulam a vida pessoal dos homens singulares, sendo que os fundamentos econômicos ainda continuam a existir e operar objetivamente num primeiro momento, isto é, a mudança é real somente nas reações dos homens singulares a tais fundamentos, ou então da integração social de sublevações singulares surgem movimentos de massa com força suficiente para travar com êxito o combate contra os fundamentos econômicos dos respectivos estranhamentos (alienações) humanos. (2013, p.749).

Podemos encontrar exemplos na história dos homens acerca desses movimentos, que a princípio apenas afetam a vida particular e as relações do homem singular, mas que, posteriormente, poderão se tornar um movimento de massa para o enfrentamento das condições de vida impostas pela base econômica. Para o nosso autor, a primeira condição

exposta é uma preparação, seja objetiva ou subjetiva, para os movimentos de massa contra os fundamentos socioeconômicos. Podemos tomar como exemplo a relação entre os iluministas do século XVIII e a práxis da revolução francesa, mesmo que eles em sua maioria “tenham rejeitado no plano teórico a revolução como meio para destruir aqueles estranhamentos absolutistas”. (2013, p.749).

Uma discussão importante para o entendimento dos fundamentos objetivos da alienação é o antagonismo entre economia e violência, ou seja, “o sofisma segundo o qual a primeira, nas sociedades até hoje existentes, teria desenvolvido o seu papel fundante de forma ‘pura’, completamente separada da violência e do uso da força” (idem, p.750). A ideia de que os princípios econômicos foram implantados e perpetuados sem o uso da força é inconcebível, pois no ser social as respostas nunca são espontâneas e automáticas, mas sempre se comportam “sob pena de ruína” diante das decisões teleológicas. Lukács explica que

A verdade ontológica pela qual, no âmbito do ser social, a necessidade nunca é espontânea e automática como na natureza, mas se impõe com a sanção ontológica “sob pena de ruína” como motor das decisões teleológicas humanas, se manifesta de dois modos: em primeiro lugar, a necessidade puramente econômica funcionando normalmente da economia capitalista se apresenta como “coerção muda” à qual o trabalhador pode ficar entregue “para o curso usual das coisas”; em segundo lugar, o uso da “violência imediata, extraeconômica”, não é contestado de modo absoluto nem mesmo por essa situação normal, mas entra em cogitação apenas como “exceção”. Portanto, justamente no ponto em que Marx diferencia dois períodos exatamente a partir do ponto de vista da necessidade do uso da violência imediata, evidencia-se a vinculação ontologicamente irrevogável de economia e violência em toda sociedade anterior ao comunismo. (2013, p. 750-751)

Em cada período do desenvolvimento econômico da história dos homens, já nas formações pré-capitalistas, podemos verificar o estabelecimento do uso da força, como no modo de produção escravista e no período da servidão feudal. Mas aparentemente, a “pura” economia não teria em sua constituição nenhum tipo de relação com a violência, no entanto, ao escravizar e impor condições (sob pena de ruína) que são determinadas economicamente, está se utilizando formas violentas⁸².

⁸²Lukács enfatiza a importância da guerra no processo de desenvolvimento econômico e da reprodução da humanidade.

Com o capitalismo, o homem atingiu o mais alto grau de sociabilidade no decorrer de sua história. No entanto, nos períodos iniciais, nos quais o desenvolvimento era limitado, o indivíduo ainda poderia encontrar modos de “escapar ao estranhamento geral, sobretudo ao decorrente do estranhamento de outros homens, nas sociedades mais desenvolvidas isto está totalmente excluído: o estranhamento dos espoliados tem o seu contraponto exato no estranhamento dos espoliadores” (idem, p. 753). Ou seja, tanto a classe proletária quanto a classe burguesa sofrem a mesma auto-alienação, tendo, portanto, um caráter universal. A grande diferença se dá na forma como a alienação atinge esses indivíduos, enquanto que a classe burguesa se sente reafirmada, a classe proletária vê neste fenômeno a “sua impotência e a realidade de uma existência desumana” (MARX, 2003, p.48).

A práxis social na luta pela superação da alienação tem o que Lukács irá denominar de prioridade absoluta. O caráter ideológico apenas, não possui condições de superar as alienações, há a necessidade de superação, também, da base material. Desta forma, a prioridade da práxis se apresenta de maneira clara, na medida em que pode “arrancar, em termos ideológicos-individuais, o indivíduo atuante da sua condição de estranhamento” (2013, p.755), direcionando suas ações contra as entidades sociais que tornaram tal objetividade insustentável. Referente a este posicionamento de atingir as instituições que tornam as condições objetivas massacrantes, manipuladoras e alienantes, Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* afirma, acerca desta condição imposta ao indivíduo, que:

[...] o modo de trabalhar no sistema do capitalismo do seu tempo estranhava o trabalhador dos produtos do seu próprio trabalho, transformando-os num meio de coerção e degradando, desumanizando o homem a ponto de sentir-se “livres e ativo” somente em suas “funções animais”⁸³. Era óbvio que os trabalhadores com o tempo necessariamente se sublevassem contra isso. E em virtude da massividade dessa condição era igualmente óbvio que a sublevação assumisse formas não simplesmente coletivas de modo geral, mas também formas cada vez mais desenvolvidas, cada vez mais aperfeiçoadas tanto no aspecto organizativo como no ideológico, de tal modo que os trabalhadores, que no início constituíam apenas uma classe

⁸³ “[...] o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. Comer, beber e procriar etc., são também, é verdade, funções genuína[mente] humanas. Porém na abstração que as separa da esfera restante da atividade humana, e faz delas finalidades últimas e exclusivas, são [funções] animais”. (MARX, 2010, p.83)

social em si (“classe perante capital”), pouco a pouco se converteram numa “classe para si mesma” (*apud* LUKÁCS, 2013, p.755).

No entanto, Lukács direciona sua discussão no sentido de compreender que necessariamente, a luta por condições de trabalho e de existência por parte da classe trabalhadora não garante uma ligação com a luta e a superação das alienações. As necessidades mais urgentes da vida cotidiana como a jornada de trabalho, o salário, as condições de trabalho e a própria sobrevivência têm sido a tônica na luta dos trabalhadores. A superação das alienações se torna apenas consequência nesse processo. Neste sentido, a mobilização social, gerada pela insatisfação das condições de vida da classe proletária contra a burguesia que a oprime, conduz a uma luta de classe contra classe, que, como esclarece Marx, “é uma luta política” mediada por instituições organizativas como os sindicatos e os partidos políticos. Na atualidade, os meios de comunicação de massa cumprem esse papel enquanto veículo para essa mediação, no sentido de afirmar e reafirmar a ideologia burguesa por meio de conteúdos conformistas, manipulatórios e alienantes.

Vale ressaltar que o fenômeno da alienação não é ontologicamente central na vida dos homens e, muito menos, autônomo, visto que necessita de outras categorias sociais para se desenvolver como a ideologia e a manipulação. Ele se desenvolve dentro de uma estrutura que é inseparável do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção. Sendo assim, o indivíduo pode eliminar um tipo de alienação, e, a depender da determinação econômico-social, uma forma de alienação pode ser substituída por outra “sem provocar nenhum abalo, seja ele objetivo ou subjetivo” (2013, p.756). Dentro dos aspectos subjetivos e objetivos da sociedade, devemos destacar que a própria movimentação social enquanto totalidade objetiva está vinculada à formação e consolidação das alienações.

Este desenvolvimento objetivo do ser social, ao mesmo tempo em que cria “formas e conteúdos [...] na vida social” (2013, p.762), que podem ser objetivamente superiores, é responsável também pelo surgimento de novas alienações. Sendo assim, na sociabilidade capitalista a desigualdade do desenvolvimento é uma categoria marcante para a sua própria existência. Diante dos fatos, Lukács faz uma análise histórica deste desenvolvimento desigual e contraditório objetivamente, desde a antiguidade até o sistema do capital, e diz que

Essa situação é manifesta se pensarmos no primeiro grande estranhamento objetivo no ser social, na escravidão. Obviamente representa um progresso que os inimigos aprisionados não mais fossem massacrados ou devorados, mas transformados em escravos. E até mesmo a escravidão maciça em plantações, minas, etc., de feito sumamente bárbaro, que se tornou necessária com o desenvolvimento das forças produtivas, com o surgimento – sobre a base da polis – de formações sociais maiores, constitui, no quadro de tal contraditoriedade geral, algo indispensável para o progresso então possível. O fato de que, no capitalismo, essa progressividade se manifeste de maneira mais direta que em formações anteriores é decorrente de razões econômicas [...] Desse modo, naturalmente a própria contraditoriedade de modo algum foi suprimida, e nem mesmo atenuada; só o que acontece é que, após importantes guinadas econômicas, ela se apresenta numa constituição qualitativamente diferente. Está claro que o que entra em cogitação nesse tocante é, antes de tudo, o fato histórico-social objetivo, imutável na sua objetividade. Por isso, toda ação direcionada para a transformação torna sempre, não importando se acompanhado de consciência errônea ou correta, a contraditoriedade objetiva desse processo. [...] Por isso, exatamente por estarmos diante de uma peculiaridade fática, de cunho histórico-social, objetivamente irrevogável, do estranhamento, somos confrontados igualmente com um importante problema ideológico que de fato surge das contradições histórico-sociais objetivas bem gerais, mas que exerce uma influência decisiva sobre o posicionamento ideológico perante o desenvolvimento do capitalismo; dentro desse quadro, é impossível omitir esse problema inclusive no caso do comportamento em relação ao fenômeno do estranhamento (alienação). (2013, p.763-764).

O fenômeno da alienação, como já foi discutido, é a contradição existente na qual o mesmo desenvolvimento possibilita a elevação das capacidades humanas singulares e de sua personalidade impulsionadas por determinações econômicas, ao tempo em que cria obstáculos às mesmas capacidades humanas e à personalidade. Diante de suas bases objetivas, “quanto mais perto chegamos [...] do fenômeno originário social, ou seja, do trabalho, tanto mais claramente se evidencia essa contradição, até mesmo no âmbito do desenvolvimento das capacidades” (LUKÁCS, 2013, p.765).

Portanto, as formas e a intensidade das alienações estão intrinsecamente ligadas ao estágio histórico da humanidade; podemos tomar como exemplo as diferenças entre o trabalho medieval e o trabalho no capitalismo, e veremos notadamente, que neste último “o trabalhador se converteu em ‘especialista’ unilateral vitalício de um só movimento repetido à exaustão, temos claramente diante dos olhos o caráter desvalorizador do homem, próprio do progresso econômico” (idem, p.765). Nessa perspectiva, vemos que o trabalho no mundo regido pelo capital causa maiores danos à personalidade do

indivíduo, visto que ele não consegue se reconhecer enquanto homem dentro deste processo social.

Diante desta análise, apesar da importância da base objetiva para o desenvolvimento das alienações, as ideologias também atuam nesta base material da sociedade, não estando ambas desconectadas. E, portanto, a superação das alienações de um determinado estágio histórico está diretamente ligada à luta contra as bases objetivas impostas pela economia, articulada à luta contra a ideologia que as sustenta, ou seja, ao superar as bases objetivas de uma dada sociedade, superam-se as alienações próprias daquele determinado período, e com elas a ideologia da classe dominante que, como já foi dito, anteriormente, se sente confortável em suas alienações e reafirmada em sua predominância econômica.

Para Lukács as alienações são produtos do desenvolvimento econômico, e no sistema capitalista podemos perceber a força destas determinações em categorias como o *consumo de prestígio* e o *fetichismo da mercadoria*, que surgem através da expansão de empresas produtoras de bens de consumo e de serviços. A interferência no cotidiano da vida dos homens nunca foi tão direta, ativa e intensa, se compararmos com as “formas econômicas” anteriores. Desse modo, diante da intensidade com que se apresenta a imediatividade da vida cotidiana dos indivíduos,

[...] no caso atual, uma escapatória ou mesmo uma esquiva são extremamente raras. Para as massas trabalhadoras, o consumo manifestou-se antigamente numa forma essencialmente privada, como uma limitação de suas possibilidades de vida que deriva ser combatida, ao passo que, nos dias atuais, numa grande parcela predomina a aspiração de continuar elevando um nível de vida que é avaliado como essencialmente positivo. O recurso amplo a serviços de todos os modos é radicalmente novo. A penetração de novas categorias burguesas, como o consumo de prestígio, na vida dos trabalhadores, em todo caso, é algo novo. O interesse diretamente econômico do capitalismo nos âmbitos por ele dominados do consumo e dos serviços parece restringir-se, no plano imediato, a aumentar as vendas e, desse modo, o lucro. (2013, p.778).

Com esta necessidade de eficácia na obtenção do lucro, surgem organismos que são responsáveis pela perpetuação e manutenção do consumo, que ao longo do tempo é transformado em prestígio, propagando a “imagem” dos indivíduos relacionada ao seu consumo. Dentro desta nova forma, o consumo não mais está relacionado às necessidades individuais ou coletivas, mas às necessidades de se criar e manter um padrão de

“imagens” que configuram o prestígio comprado pelos indivíduos. É importante lembrar que estas categorias se apresentam juntamente com a massificação da produção e do acesso a esta produção.

Os aparatos que surgem para a perpetuação e manutenção da ordem econômica e social vigente são mediados pelos meios de comunicação de massa, justamente por seu alcance e eficácia no tratamento das informações manipuladas. Sendo assim, além de “informar” também “divertem” a sociedade, pois a classe trabalhadora com a sua jornada de trabalho diminuída dispõe de um crescente tempo livre. O capital se utiliza de meios como os jornais, o cinema, a publicidade, o rádio e a televisão para a propagação dessas necessidades postas pela sociabilidade capitalista. Lukács explica que destas novas condições de vida dos trabalhadores, “[...] deverá surgir um novo estranhamento, um estranhamento *sui generis*. O salário mais alto substitui o salário mais baixo, o tempo livre mais longo substitui o mais curto. Porém, esse desenvolvimento só aniquila alguns estranhamentos antigos, substituindo-os por uma nova espécie de estranhamentos”⁸⁴(LUKÁCS, 2013, p.778).

Sendo assim, deixa claro que o desaparecimento das antigas alienações e o surgimento das novas formas necessita de novas mediações, e à medida que a sociedade se desenvolve, suas relações são fortalecidas por tais mediações. O caráter alienante e manipulatório da imprensa e dos demais meios de comunicação de massa burgueses é determinado desde o início de sua existência, haja vista que o seu desenvolvimento deve-se aos avanços tecnológicos, econômicos e sociais promovidos pelo capitalismo. Um dos meios mais fortemente utilizados pela burguesia é a publicidade, pois essa atividade possui a habilidade tanto de persuadir as massas para a realização do consumo de prestígio como também para persuadi-la ideologicamente.

As novas formas de alienação são específicas de uma realidade social e econômica manipulada, o que não significa dizer que a sua base foi modificada. Elas aparecem tanto no resultado do trabalho quanto no interior da atividade produtiva, ou

⁸⁴ “Como sempre acontece na sociedade, não se trata, nesse caso, de um processo isolado, restrito à economia. O fenômeno dos novos estranhamentos surge em decorrência de um movimento do conjunto da sociedade. Esse movimento brotou do solo em que se desdobrou o capitalismo e ganhou expressão sociopolítica cada vez mais intensa no crescente antagonismo entre as formas de dominação capitalistas (incluindo nelas a chamada democracia burguesa) e a democracia. Em vista de análises feitas até agora, é suficiente se indicarmos que as grandes crises ocorridas após a Primeira Guerra Mundial impuseram à burguesia do Ocidente novas formas de dominação, cujo ponto culminante, no sentido da práxis, consistiu em preservar formalmente todas as formas exteriores da democracia, aproveitando-as polemicamente tanto contra o fascismo como contra o socialismo, mas anulá-las faticamente por meio de seu novo conteúdo organizacional e ideológico, na medida em que as massas foram excluídas de toda real participação nas decisões econômicas ou politicamente importantes” (LUKÁCS, 2013, p.779).

seja, no ato do trabalho. O alto grau de evolução do próprio processo de trabalho intensifica ainda mais as alienações, refletindo aspectos ontológicos que são decisivos para a vida humana – como “o domínio da categoria do Ter”. Marx resume a categoria do Ter da seguinte forma:

A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é o *nosso* [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim, *usado*. Embora a propriedade privada apreenda todas estas efetivações imediatas da própria posse novamente apenas como *meios de vida*, e a vida, à qual servem de meio, é *avida* da *propriedade privada*: trabalho e capitalização. O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter (2010, p.108).

O poder da categoria do Ter reflete na vida cotidiana da massa trabalhadora apenas como afirmação do prestígio pessoal diante do que se tem, excluindo a sua manifestação básica de satisfação das necessidades de sobrevivência. E apesar do discurso de Marx datar de mais de um século, não poderia ser mais atual referenciando a universalização da categoria do Ter, que está diretamente conectada ao consumo e aos serviços oferecidos pelo capitalismo. A superação do Ter (ou da falsa onipotência do Ter) torna-se possível quando os indivíduos se libertam da particularidade, elevando suas consciências. Desta forma, cada passo dado pelo homem para além da particularidade o conduz à libertação, da mesma forma que todas as

[...] tendências humano-sociais, tanto subjetiva como objetiva, que o prendem a ela são simultaneamente fomentadoras de sua exposição ao estranhamento. Essa caracterização sumamente genérica da atualidade capitalista mostra que todas as manipulações econômicas, sociais e políticas dominantes se convertem em instrumentos mais ou menos conscientes para acorrentar o homem à sua particularidade e, desse modo, ao seu ser estranhado (LUKÁCS, 2013, p.797).

Os grandes meios de comunicação de massa e seus instrumentos auxiliam de maneira incisiva as manipulações econômica, social e política. O filósofo húngaro assevera a importância da moderna publicidade, destacando a sua utilização por líderes notadamente conhecidos por sua dominação alienante e ideológica, assim como o determinante papel que a mesma publicidade tem na relação onipotente do Ter. Nos países capitalistas mais desenvolvidos, ela pode impor aos homens por sugestão qualquer

coisa (idem, p.797), dirigindo-se sempre à particularidade dos indivíduos. Esta suggestionabilidade leva o indivíduo a aceitar-se como pessoa dentro da sociedade capitalista diante do consumo de mercadorias e serviços – os indivíduos são reduzidos e valorados em relação à aquisição de mercadorias. O que nos conduz a uma categoria, outrora apontada por Marx, na qual o Ter determina o Ser. György Lukács ainda enfatiza que:

[...] o efeito sobre o homem está direcionado primordialmente para que ele acredite que a aquisição das respectivas loções capilares, gravatas, cigarros, automóveis etc., que frequentar determinados balneários etc. faz com que ele seja considerado como personalidade autêntica, reconhecida pelo seu entorno. Nesse caso, a questão primordial não é, portanto, a exaltação das mercadorias, como ocorria originalmente na exaltação pelos anúncios publicitários, mas o prestígio pessoal que será proporcionado ao comprador por sua aquisição. A partir da perspectiva social, há uma tendência dupla na base disso: por um lado, a orientação de influenciar, de formar os homens num determinado sentido [...] e, por outro lado, a intenção de aprimorar o cultivo da particularidade dos homens, reforçar neles a ilusão de que justamente essa diferenciação superficial da particularidade adquirida no mercado das mercadorias seria o único caminho para o homem tornar-se uma personalidade, isto é, para conquistar o prestígio pessoal (2013, p.798).

Todo o desenvolvimento da publicidade e da propaganda e dos demais meios de comunicação de massa se situa num período no qual os surgimentos das novas formas de alienações estão diretamente ligados à categoria da manipulação. A própria vida cotidiana é absolutamente manipulada através dos meios de comunicação que atuam diretamente na particularidade dos indivíduos. Podemos tomar como base a própria transformação da cultura que, em outros momentos, atuou por meio da grande arte como um forte componente para a superação de determinadas alienações, o que a tornou uma potência mediadora. Esta industrialização da cultura possibilitou a criação de uma atividade ainda mais lucrativa, o entretenimento, que atua diretamente no tempo livre da massa trabalhadora.

O período de recuperação econômica pós-segunda Guerra Mundial, que György Lukács irá denominar de Período Manipulatório, determina as relações socioeconômicas e produzem novas formas de alienação, baseadas numa vida cotidiana manipulada e vazia de significados relevantes para a superação da particularidade. Com isto, o filósofo afirma que “a primeira função social da manipulação da vida cotidiana [...] consiste justamente em apresentar às pessoas do cotidiano a sua vida ‘normal’ subjetivamente como o melhor

dos destinos possíveis, objetivamente como destino inescapável” (idem, p.804). Ou seja, mantém os indivíduos conformados em seu mundo particular, e sem nenhuma expectativa de superação da realidade posta. Nosso autor ainda assevera que

[...] a luta de classes prática do momento está inseparavelmente ligada à situação economicamente determinante. Quer um trabalhador, digamos, no século XIX, considerasse a jornada de doze horas como um destino humano universal, quer um trabalhador de hoje considere a sua manipulabilidade pela organização megacapitalista do consumo e das prestações de serviço como um estado de bem-estar humano finalmente alcançado, esses dois modos do estranhamento – tão diferentes quanto à forma – correspondem exatamente às respectivas finalidades socioeconômicas do grande capital (2013, p.624-625).

Por essa perspectiva, podemos perceber que, quanto mais alienada está a classe trabalhadora – e não importa a forma de alienação –, menores serão os problemas enfrentados pelo capitalismo para a sua legitimação. E quanto mais o aparato ideológico do capitalismo se desenvolve, mais as formas de alienação se perpetuam na sociedade. Os meios de comunicação de massa constituem como um destes aparatos ideológicos, forjando relações e indivíduos manipulados, “produzem todo dia e toda hora reificações em massa” (2013, p. 683).

A manipulação⁸⁵ nada mais é que o controle, a influência, a coerção que o capital exerce sobre os indivíduos e, para tal, necessita de meios para intermediar essa relação. Nos dias atuais o homem é manipulado das mais diversas formas, mas sempre com a intenção de manutenção e reprodução socioeconômica. Todo o conteúdo midiático está permeado de um discurso ideológico baseado nas relações reificantes; cada propaganda, publicidade, filme, telenovela, telejornal, impressos etc. está sob o julgo manipulatório do capitalismo. Lukács em uma entrevista concedida a Leo Kofler destaca que

[...] a manipulação do consumo não consiste, como se pretende oficialmente, no fato de querer informar exaustivamente os consumidores sobre qual é o melhor frigorífico ou a melhor lâmina de barbear; o que está em jogo é a questão do controle de consciência. Dou apenas um exemplo, o “tipo” *Gauloises*: apresenta-se um homem de aspecto ativo e másculo, que se distingue porque fuma os cigarros *Gauloises*. Ou ainda, vejo numa foto de publicidade [...] um jovem

⁸⁵ “[...] Por causa desta manipulação, o operário, o homem que trabalha, é afastado do problema de como poderia transformar o seu tempo livre em *otium*, porque o consumo lhe é instilado sob a forma de uma abundância de vida com finalidade em si mesma, assim como na jornada de trabalho de doze horas avida era ditatorialmente dominada pelo trabalho” (KOFLER, 1969, p.53-54).

assediado por duas belas garotas por conta da atração erótica que determinado perfume exerce sobre elas (1969, p.53).

Essa dominação da informação e da propagação de ideias mantém a sociedade refém da manipulação existente no capitalismo. Lukács deixa esse argumento claro quando expõe o poder que a publicidade possui no direcionamento do consumo e das necessidades da sociedade. No entanto, não devemos concluir que a manipulação não existia antes deste período descrito por Lukács, a diferença está centrada na importância que lhe é atribuída no pós-segunda Guerra Mundial diante das novas necessidades postas pelo desenvolvimento tecnológico. Sendo assim, o aparecimento e aperfeiçoamento das mídias possibilitaram uma manipulação em massa bem mais eficiente que em outros estádios históricos. Sobre este período denominado manipulatório, Lukács nos diz:

Se traçarmos um panorama do período posterior a 1945 do ponto de vista desses estranhamentos, [...] o resultado será uma tendência que abrange toda expressão social no sentido de amarrar o homem à sua particularidade, de fixá-lo definitivamente nela, de glorificar esse nível de ser como único realmente existente e simultaneamente o único desejável enquanto grande conquista social. A uniabrangente *manipulação refinada* enquanto portadora dessa concepção do ser tem a sua base econômica na sujeição quase completa da indústria dos bens de consumo e serviço do grande capital. A importância de um consumo em massa nesse campo cria um aparato ideológico muito extenso, que dominam os órgãos da opinião pública, cujo ponto central de motivação é o consumo de prestígio, que toma forma por meio de criar uma “imagem”, como indução a ela; ou seja, a pessoa se veste, fuma, viaja, tem relações sexuais não por causa dessas coisas em si e por si, mas para aparentar no ambiente em que se vive a “imagem” de certo tipo de pessoa que é apreciada enquanto tal. (2013, p. 716-717. *Grifos nossos*).

Essa afirmação é decisiva para o nosso objeto, visto que este “aparato ideológico extenso” que influencia a opinião pública⁸⁶ são os meios de comunicação de massa, e esta *manipulação refinada* mantém os indivíduos em sua particularidade, por meio do conformismo em relação a sua condição humana. Desse período em diante, o consumo de prestígio se intensifica e os meios de comunicação propagam uma mensagem ideológica relacionada ao ter e à imagem que se cria diante do consumo. É aí que se manifesta precisamente o fenômeno alienante, tais ações constituem limitações para que

⁸⁶ Pedrinho A. Guareschi citando Corrêa compreende que a Opinião Pública “[...] pode ser entendida como um dos efeitos ao nível da comunicação coletiva, na qual se pressupõe a existência de um estímulo, uma mensagem, produzida ou emitida por alguém e captada pelo todo ou parte da sociedade” (2000, p.101).

os indivíduos avancem enquanto gênero humano, constituindo-se como personalidades plenamente autênticas. Ficam presos à sua particularidade e não visualizam a possibilidade de superação das condições sociais existentes, conseqüentemente, reforçando os princípios do ter enquanto mecanismos de realização pessoal.

Podemos exemplificar a grande propaganda feita pelos Estados Unidos no período pós 1945, naquele momento era o país mais industrializado e necessitava exportar sua produção em massa para os demais países; eles utilizaram-se da publicidade, do cinema, da música, da literatura, da política para expandir o seu mercado consumidor. O estilo de vida estado-unidense predominou no mundo capitalista, consumiam-se as roupas, os alimentos, os novos eletrodomésticos, os filmes, os quadrinhos, os carros, enfim, “ter” esses produtos revelava certo status e criava uma imagem totalmente desejável para o capital. Para o filósofo húngaro:

A manipulação moderna empenha-se – com tremendo êxito em muitos aspectos – em cultivar esses *hobbies* e que sejam do tipo mais intenso possível. Porém, é indiferente se a atividade for a de colecionar selos, andar de automóvel, viajar pelo mundo etc., é impossível que mesmo a “paixão” mais frenética possa produzir uma elevação acima da particularidade. (LUKÁCS, 2013, p.783).

Dessa *manipulação moderna* surgem novas formas de alienação, ligadas à “base real da nova ideologia vigente no mundo imperialista” (2013, p.792), que prioriza relações superficiais e que forma indivíduos também superficiais. O que vemos e o que é reforçado pelos meios de comunicação de massa é a intensificação do individualismo em detrimento da coletividade e a ideologia da “desideologização”. Em um mundo no qual as formas ideológicas são reprovadas há uma “à manipulabilidade e manipulação ilimitadas de toda a vida humana” (2013, p.793), discurso que produz um indivíduo cada vez mais vulnerável à manipulação alienante. “A formação humana mediante a redução econômica e ideológica organizacional, se possível, de todos os homens singulares ao limite da particularidade que lhes parece irrevogável é, ao mesmo tempo, fim e consequência do sistema dominante” (2013, p.794).

Dentre os meios de comunicação de massa, Lukács enfatiza o papel essencial que a publicidade apresenta, visto que ela atua diretamente no consumo, criando na consciência dos indivíduos desejos e necessidades outrora inexistentes; mas a publicidade atua também na política, que possui uma dimensão ideológica manipuladora

frequentemente utilizada pelos Estados burgueses. Podemos perceber a força desses discursos políticos manipulatórios quando nos deparamos com o discurso estadunidense de liberdade e democracia no qual publiciza ao mundo *slogans* afirmando que “essa nova forma da dominação democrática deveria colocar todos os povos mais ou menos atrasados no rumo da civilização”, ou ainda “estabelecer a ‘*pax americana*’ que traria felicidade a todos na forma de império mundial pacífico e livre” (idem, p.809). No Brasil, podemos apontar algumas situações nas quais a mídia manipulou ideologicamente e alienou a sociedade, como nos relata Ruiz:

[...] um desses exemplos de toda a influência, certamente, são as organizações Globo, particularmente a Rede Globo de Televisão. [...] Vejamos um relato do jornalista Leandro Narloch (2005): “Após o debate entre Collor e Lula, na eleição presidencial de 1989, as pesquisas de opinião apontavam vitória de Collor. Mas o Jornal Nacional exagerou na dose. Durante 3min34s, mostrou Collor enfático e seguro. Lula mereceu 2min22s e trechos em que aparecia trocando a palavra ‘seca’ por ‘cerca’. Dois dias depois, Collor, que começara a semana com 1% de intenção de votos acima de Lula, ganhou a eleição com vantagem de 6% (2009, p.85).

Isto nos mostra, um pouco, a dimensão e a importância que os meios de comunicação de massa têm sobre a manipulação da sociedade. No entanto, a manipulação não é infalível, em determinados momentos muitos indivíduos conseguem refletir, baseados na sua vida cotidiana e particular, e questionar a ordem estabelecida e “muitos já se depararam com coisas inverídicas, com momentos em que a manipulação fracassou” (LUKÁCS, 2013, p.815). Desta forma, sempre teremos indivíduos singulares que contestem a realidade, haja vista que “nunca faltou totalmente até agora o discernimento dos homens singulares pensantes quanto à falsidade, ao fracasso necessário da manipulação, tanto na prática como na teoria, em questões isoladas importantes para o bem-estar dos homens na vida cotidiana” (2013, 816).

Diante de uma realidade manipulada ideologicamente e alienada, os indivíduos e a sociedade têm a possibilidade, primeiramente, de retomar a consciência e a partir daí tentar superar as alienações e a vida cotidiana manipulada⁸⁷. “Porém, o caráter das reações ideológicas é determinado, em grande medida, não só pelas finalidades que elas próprias

⁸⁷ “Em termos filosóficos, só o que se vê – e isso não é pouco – é que todo autêntico voltar as costas para a manipulação, todo autêntico voltar-se para a sua superação abriga dentro de si, como essência, um direcionamento espiritual ou prático para a própria realidade, para o ser social enquanto fundamento de todo pensar e fazer que pode levar a pores teleológicos na teoria e na práxis” (idem, p.830).

se propõem, mas também pelos métodos de dominação aos quais elas reagem de modo reformista ou revolucionário” (2013, p.817). Para Lukács, somente as ideologias puras são capazes de elevar a consciência dos indivíduos e torná-los seres ativos na sociedade. No entanto, não deixa claros os fatores que levam à superação das alienações, apenas dá um indício de que o caminho para tal é a superação da sociabilidade posta.

Os meios de comunicação de massa são, portanto, veículo da alienação. Por meio deles há o domínio da consciência individual e da consciência social, manipulando ideologicamente os homens, principalmente em seu tempo livre – atividade que antes era posta pelo trabalho – sob o viés da informação, do entretenimento e da cidadania. Desta forma, estes meios ditam os padrões de consumo, as alternativas, as escolhas e as necessidades da sociedade, forjando uma sociedade alienada e manipulada. Compreendida esta conexão, deveremos seguir aproximando os meios de comunicação de massa a estas categorias sociais.

REFERÊNCIAS

- GUARESCHI, Pedrinho A. (org.). **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. 2 ed. Petrópolis: 2000.
- HOLANDA, Maria Norma A. B de. **Lukács e a crítica ao capitalismo: a alienação na Ontologia**. 2002, Mineo.
- KOFLER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang; HOLZ, Hans Heiz. **Conversando com Lukács**. (Trad. Giseh Vianna Konder) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LUKÁCS, Georg. **Para uma Ontologia do Ser Social**. (Trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes). São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, Georg. **Para uma Ontologia do Ser Social**. (Trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo. **Prolegómenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. (Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento) São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Trad. José Carlos Bruni *et al.* 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 2010. (Os Pensadores).
- MARX, Karl. **A Sagrada Família**. (Trad. Marcelo Backes). São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RUIZ, Jefferson Lee de Souza; SALES, Mione Apolinário. (org.) São Paulo: Cortez, 2009.

Artigo enviado em: 01/02/2023

Artigo aceito para publicação em: 10/03/2023